

ESTRUTURAS CLÍNICAS

Aula 2: 30/04/2004¹

A FORMAÇÃO DOS SINTOMAS NEURÓTICOS E A NOÇÃO DE PRÓTON-PSEUDOS

Tania Coelho dos Santos: Hoje, antes de prosseguir, eu vou fazer uma retomada muito rápida de alguns pontos. A ambição do nosso curso era estabelecer, primeiramente, uma relação entre a teoria psicanalítica, a metapsicologia freudiana, as estruturas (que é uma outra maneira de dizer a teoria, em Freud) e a clínica psicanalítica.

Da vez passada, eu lhes falei que Freud provinha de uma formação em medicina e que era uma pessoa interessada, principalmente, na pesquisa, no âmbito neurológico, do que na clínica médica. Mostrei-lhes que não havia nenhuma afinidade natural entre a vocação do Freud e o fato de que ele veio inventar ou descobrir um dos campos de investigação mais originais da modernidade recente. Alguns acontecimentos marcaram a inclinação de Freud para a clínica médica, uma vez que, inicialmente, dentro da medicina, ele tinha uma preferência marcada pela pesquisa na área de neurologia. Ele começou no laboratório de neurologia de Brücke, onde ficou famoso por um estudo sobre o sistema nervoso de enguias – nada menos analítico do que um gosto pelo sistema nervoso de enguias! Depois disso, houve um acontecimento, que foi o encontro com uma paciente de um colega quatorze anos mais velho.

Isso é importante: tratava-se de uma pessoa que tinha uma certa ascendência sobre ele.

Esse colega, então, o apresentou a uma paciente que entrou na literatura com o nome de Anna O. O verdadeiro nome dela é Bertha Pappenheim. Depois do tratamento analítico que ela fez e da cura relativa que conseguiu alcançar, ela se tornou uma pessoa muito importante no campo da enfermagem. Vocês já ouviram falar de Florence Nightingale? A Bertha Pappenheim é a Florence Nightingale dos alemães. Um pouco como Anna Neri, Florence Nightingale, também foi uma das mulheres que se notabilizou por sua dedicação ao campo da enfermagem e da assistência social.

O nome Anna O. é um pseudônimo usado por Freud para poder publicar o caso dela nas *Obras Completas*. O encontro com esse caso clínico foi importante porque, nesse momento, Freud pôde verificar por si mesmo que essa paciente sofria de uma neurose histérica e foi ela mesma quem inventou uma espécie de autotratamento.

Eu estou introduzindo, estou nomeando o fenômeno histérico e o momento em que Freud se encontrou com essa patologia, com essa afecção. Estou deixando claro que o campo dele era outro, era a neurologia e não o tratamento psiquiátrico. Freud não era um psiquiatra, muito pelo contrário, era um pesquisador no campo da neurologia. Então, foi um acidente ele ter tomado conhecimento do tratamento dessa moça, que teve essa característica importante: a de inventar o tratamento pela fala, que ela chamava "limpeza de chaminé" ou "cura pela fala". Foi ela mesma que se pôs espontaneamente a falar, e, através da fala, foi encontrando um alívio para seu sofrimento e foi se desvencilhando de alguns sintomas.

Bem, ao terminar o curso de medicina, Freud ganhou uma bolsa de estudos na França, num hospital muito famoso, chamado Salpêtrière, e vai estudar com Charcot, que era um médico dedicado ao tratamento através da hipnose de pacientes histéricas.

Intervenção: Em que ano foi isso?

¹ Transcrição de Ana Paula Sartori e revisão de Rosa Guedes Lopes.

TCS: Penso que foi em 1888. Antes dos últimos dez anos do século passado. Freud nasceu em 1856. Esse período deve corresponder ao início dos anos 1880. Eu não estou certa dessa data, não.

Esse encontro de Freud com a hipnose ou essa situação tem dois aspectos importantes a serem considerados. Primeiro: a influência de Breuer, que foi a pessoa que advertiu Freud quanto à impossibilidade de sobrevivência, do ponto de vista financeiro de um pesquisador na área de neurologia. Ele era um rapaz de poucos recursos. Orientou Freud na clínica, o que o levou a fazer esse estágio, pegar essa bolsa de estudos e entrar, de alguma maneira, no campo da psiquiatria.

Eu marco essas referências para que vocês se dêem conta do caráter absolutamente contingente dessas escolhas. Estas não são escolhas pré-figuradas, escolhas que estão lá desde o início. Freud não era um eminente psiquiatra que descobriu a psicanálise apesar de que uma das coisas que se diz sobre a psicanálise é que ela é uma derivação da psiquiatria. Não é! Também não é uma derivação da psicologia. Nessa época, mais ou menos em 1875, ocorreu a criação do primeiro laboratório de investigação psicológica, com Wundt, em Leipzig, também na Alemanha.

Portanto, Freud não está nessa filiação e também não é um psiquiatra de boa cepa. Muito pelo contrário, a relação dele com a medicina é conturbada. Ele não é, de modo nenhum, alguém que abraçou o campo da medicina apaixonadamente como se tudo o que tivesse desejado fosse ter sido médico. Pelo contrário, o curso dele foi longo. Freud levou muitos anos para se formar. Ele também não estava confortável ali, nem à vontade. E quando ele conhece Charcot, que tratava casos de histeria com hipnose, a coisa mais produtiva e útil que ele fez, durante um ano em Paris, foi traduzir os artigos do mestre, escritos em francês, para o alemão.

Vocês podem imaginar que, de hipnose, ele também não era bom. Vocês não vão encontrar nenhuma história de Freud que diga: "Eminente estudante na Faculdade de Medicina". Ele não era. "Grande vocação para a clínica médica", também não era. "Talento para hipnotizador", também não. Ou seja, se a gente for fazer uma genealogia da psicanálise, essa genealogia é negativa: não é isso, não é isso, não é isso. Se, a partir da posição de Freud, pudermos extrair alguma da origem da psicanálise será sempre na base do "não é isso". Freud não está no "capítulo 1" da psicologia, não está no "capítulo 1" da medicina, não está em lugar nenhum! Essa é justamente a dificuldade que se tem de introduzir a psicanálise, enquanto um campo bastante novo, bastante diferenciado em relação às referências que estão em torno.

Eu expliquei que, depois desse longo estágio, Freud retorna e tenta começar uma clínica usando técnicas de eletroterapia e hipnose. E, muito cedo, tudo isso também fracassa, e o que se afirma como um caminho para o tratamento possível das doenças nervosas vai surgir com um acidente. O acidente é uma repetição de outros acidentes parecidos em que uma paciente se confessa apaixonada pelo seu terapeuta. É o aspecto da paixão amorosa da paciente para com o médico que eu delimitaria como o único aspecto dessa história toda que merece que a nossa atenção se detenha, por ter uma relação com a gênese da psicanálise. Mais uma vez, esse aspecto deve ser ressaltado à luz de um histórico, de um pano de fundo contrastante e negativo.

Sobre a origem, a causa das doenças nervosas do tipo histérico, Charcot disse a Freud, certa vez, em tom de anedota, como que prescrevendo um tratamento: "pênis normal, em doses repetidas". Charcot respondeu com uma anedota, com uma brincadeira, uma prescrição médica à maneira de um deboche, indicando que sabia alguma coisa sobre a natureza sexual das afecções histéricas. Mas ele não sabia da maneira como se deve saber, da boa maneira como um cientista, um investigador deve saber. Ele sabia à maneira do saber popular, à maneira das piadas que correm de boca em boca. Essa citação, ou essa referência, essa

anedota, essa brincadeira se articula precisamente com alguma coisa que Freud havia vivido: o fracasso do tratamento de Anna O., que se apaixonou por Breuer, acreditando delirantemente estar esperando um filho dele. Naturalmente, esse fato levou Breuer a interromper o tratamento, assustado com o crescimento das manifestações patológicas da paciente. Certamente para Freud, na época, esse acontecimento não quis dizer grande coisa. Ficou em reserva.

Esse tipo de acontecimento ou acidente ou essa referência brincalhona não tinham qualquer lugar na cultura médica psiquiátrica ou psicológica. Ficava como piada, como resto, como problema, como impasse. Se podemos falar de um nascimento da psicanálise, já é no momento em que Freud pôde acolher esse evento que, de alguma maneira, é um saber que estava na prática clínica, como impasse, fazendo dele um novo campo de investigação. Um saber sobre a sexualidade, como causa e origem das doenças nervosas ou de boa parte delas.

Da vez passada, ao falar com vocês sobre esse ponto de origem da psicanálise na sexualidade, eu o fiz com o objetivo de evitar a tentação de fazer uma genealogia da psicanálise na psiquiatria, na psicologia, na hipnose. Às vezes, os programas dão essa impressão: que há antecedentes e que um campo é um prolongamento ou uma continuação de outro. É apenas nesse aspecto da descoberta, da valorização, da causa sexual da neurose que se justifica que consideremos a psicanálise como um campo novo de saber sobre o sujeito, sobre o homem, sobre o funcionamento psicológico.

Sobre a causa sexual, eu fiz na vez passada um longo comentário sobre um sonho de Freud. É o sonho da injeção em Irma, em que uma mulher aparece com a garganta infectada, numa clara alusão ao órgão genital feminino. Esse sonho mostra Freud atônito, buscando uma resposta entre os seus diferentes colegas sobre a seguinte questão: "De que sofre Irma?" O sonho é uma cascata de tentativas de buscar essa resposta, junto aos colegas, que são os representantes das diversas modalidades de saber, que cercam o nascimento da psicanálise. É um sonho também sobre o fracasso em obter essa resposta nas áreas afins. Ele se conclui em torno do aparecimento de uma fórmula, de uma palavra que se destacava entre as fórmulas químicas, que aparece aparentando explicar o que havia infectado Irma: "trimetilamina, ácido propil-propilônico".

Essa palavra se destaca e é por meio dela que nós temos uma alusão, pela via da substância química, aos hormônios, à química, à origem da excitação sexual. É de uma forma cifrada, alusiva, condensada, que esse significante aponta para as referências, para a causalidade - que tem uma relação com a bioquímica do corpo, embora não seja tão simples assim.

Durante todo seu percurso de pesquisa sobre os processos inconscientes, sobre a causa sexual das neuroses, Freud nunca abandonou a promessa que aparece nesse sonho de encontrar as fórmulas químicas da sexualidade. É muito interessante, porque no momento em que ele encontra essa resposta: *a causa da doença nervosa é a sexualidade*, ele a exprime através de fórmulas químicas. Freud sempre almejou, e podemos encontrar referências a isso ao longo de sua obra, poder fazer uma relação entre os hormônios e as enzimas e as perturbações futuras. O pesquisador da neurologia não desapareceu por encanto.

Intervenção: Quando você fala assim dos hormônios, isso foi em toda a obra dele? Não foi somente no "Projeto para uma psicologia científica"?

TCS: O "Projeto" é um texto que foi publicado em 1950, depois da morte de Freud. Não foi um texto cuja publicação tenha sido autorizada por ele. Ele ia jogá-lo fora, foi salvo por Marie Bonaparte e só mais tarde foi tornado público. Na verdade, ele é de 1895. É uma tentativa de explicar o funcionamento psíquico, buscando uma equivalência com a linguagem neurológica, tentando construir dois aparelhos, um neurológico e outro, psíquico, estabelecendo uma correspondência entre eles. Eu acho que ele abandonou essa pretensão. Mas ele nunca abandonou a idéia de processos químicos que estão subjacentes aos processos mentais. Tanto

que, se você for ao texto "Além do Princípio do Prazer", de 1923, da época mais tardia da obra, vai ver que ele retoma algumas perguntas já feitas no "Projeto". Sua interrogação sobre a pulsão de morte é, essencialmente, uma interrogação sobre as fontes de energia e seus caminhos. Além disso, você encontra a noção de energia ou de processos econômicos que são índices de que ele pensa há processos neuroquímicos, bioquímicos. No "Projeto" inteiro, e ao longo de toda a obra, ele fala explicitamente de hormônios: "Um dia a pesquisa sobre hormônios virá validar..." Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" ele diz: "Então tudo isso que eu digo poderá vir a ser confirmado, posteriormente, através da pesquisa bioquímica". Quer dizer, o que estamos esperando estaria mais na bioquímica, no econômico do que no estrutural, no neurológico.

Eu falei da "trimetilamina" como maneira de Freud indicar a importância da causa sexual das neuroses e, em seguida, passei à questão - que eu não sei se nomeei como *próton-pseudos* - da fantasia. É a partir deste ponto que eu gostaria de retomar a minha exposição hoje. E é através dele que poderei responder alguma coisa sobre o que é uma neurose e, em particular, o que é uma histeria. E, mais especificamente ainda, como são e quais são os sintomas da histeria.

Para que possamos entrar, com mais cuidado e mais interesse, nessas questões, eu quero recordar a vocês que, o confronto com a causa sexual na neurose, com contexto em si dessa causa, com a transferência amorosa, com o estado de enamoramento da paciente por seu terapeuta, tudo isso aponta nitidamente para a seguinte questão: por que, quando um médico se oferece para tratar da paciente, esta, no lugar de piorar ou melhorar, se enamora dele?

A psicanálise é isso: introdução ao absurdo!

Quando se oferece tratamento a alguém, o que se espera? Ou o tratamento é muito ruim e o paciente piora, ou fica na mesma, ou o tratamento é bom e ele melhora. Aqui a paciente não melhora, não piora, tampouco fica na mesma. Ela se apaixona pelo médico. Eis aí um acontecimento que, quando começa a se repetir, nos diferentes casos, mostra um resultado imprevisível como este. É esse resultado imprevisível que vai fazer com que Freud ligue os pontinhos: a frase de Charcot, o que aconteceu com Breuer e o sonho da injeção em Irma. Deve haver uma relação entre a causa da doença e o fato de, ao invés de melhorar, piorar ou ficar na mesma, a paciente se apaixonar pelo terapeuta. Isso é indicação de uma causa.

Mudando a ordem dos fatores: se quando se tenta tratar, se tem como efeito o enamoramento da paciente, então é porque o efeito deve estar ligado à causa. É preciso que a causa da doença seja sexual para que o que acontece no decorrer do tratamento seja que a paciente queira se casar com o médico. A própria paciente formula o casamento com o médico como saída, como cura. Tratamento e casamento. O tratamento aponta para o enamoramento. O tratamento tem esse efeito. Então, a razão é que a causa é o amor, a sexualidade, o desejo.

Mas que desejo? Que sexualidade? Que enamoramento é esse? Precisamos ter em vista, aqui, uma inversão de perspectiva do que aparece como efeito. Freud deduz uma causa, a "trimetilamina". É uma resposta ao contrário: ali onde se encontra o efeito, esse efeito deve ser ligado à própria causa. A causa desencadeante da neurose são as demandas amorosas, as fantasias sexuais, os desejos, tudo o que, num outro momento, vai receber o nome de *inconsciente*.

Trata-se da montagem de uma nova lógica. A partir de um acontecimento, que provavelmente atropelou o tratamento de várias pacientes histéricas, Freud extrai uma constante. Extrai uma causa. Isso não é um acidente. Isso é a própria causa. A oferta do tratamento desencadeia um estado de enamoramento. A este estado, posteriormente, ele vai associar um nome técnico que é a *transferência*. Quando ele associa a esse estado um nome técnico, ele transforma o que é um impasse, um efeito indesejado, um acidente, numa técnica.

A psicanálise então não se torna simplesmente - como nomeou Anna O. - uma cura pela palavra, mas falar "para alguém", o que implica também uma relação amorosa com esse

alguém com quem se fala. A cura pelas palavras inclui um tratamento do amor, dos sentimentos, dos afetos. É a simbolização dessa energia psíquica que está circulando no aparelho psíquico e da qual o paciente não sabe nada porque isso se faz de forma inconsciente. O efeito se tornou o principal motor da técnica.

Os primeiros textos técnicos de Freud: "Observações sobre o amor de transferência", "Recomendações técnicas aos médicos que exercem a psicanálise", são textos muito interessantes. São os primeiros textos sobre a arte de tratar analiticamente e se concentram em advertir aos jovens médicos, para que eles não caiam na cilada das pacientes. Quer dizer, se trata de preparar o sujeito para saber que isso vai acontecer muito provavelmente. E ele precisa estar preparado para saber lidar com essa situação.

Pode-se imaginar que, depois da experiência de Breuer, essas recomendações eram mais do que necessárias. Imaginem um jovem médico, recém casado, com um futuro promissor, sair correndo, apavorado, imaginando que seu futuro é um desastre. Seu futuro moral, seu futuro pessoal. Nós estamos no começo do século XX. O ambiente moral seria muito pouco tolerante com relações muito íntimas entre médicos e pacientes.

A próxima questão com respeito ao par transferência e inconsciente é a seguinte: qual a razão para que o fato de que permitir esse espaço de enamoramento e conseguir transpô-lo de uma forma controlada leva à cura?

Veja bem, se Freud tivesse dito que todas as mulheres histéricas não passavam de solteironas e que se elas se casassem resolveriam o problema, então bastaria buscar uma legião de jovens rapazes desfrutáveis para que todas as mulheres atacadas de mal-estar na sexualidade ficassem curadas. Justamente, ele não fez isso porque esse remédio não serviria para nada. É evidente que o remédio “enamoramento” não é um remédio objetivo. Fato que aponta a Freud que esse estado de enamoramento, que se atualiza na relação com o médico, na verdade, diz respeito a um outro amor, a um amor mais antigo, precipitado, trazido à tona, atualizado naquela situação, mas que não é real, não é atual. Ele diz respeito a alguma coisa que foi esquecida.

É esse o raciocínio que a gente tem que compreender. É essa lógica que permite que um efeito como esse possa ser utilizado a serviço do tratamento sob transferência. O raciocínio de Freud diz: “Isso não é real. Esse amor não é de verdade”. Se acreditasse que era de verdade, ele diria: “Vou recomendar que ela se case o mais depressa possível”. Quer dizer, trataria de retificar a situação como real. A transferência diz respeito a uma hipótese cujo assente é de que esse amor não é real, nem atual, mas que alude, faz referência, atualiza um outro amor, do qual provavelmente a pessoa não sabe nada.

Eu diria que esse raciocínio é uma espécie de introdução ao pai, à função do pai. Dessa vez, vamos introduzir a fantasia – *próton-pseudos* – e a função do pai, pelo caminho da causa sexual e da transferência. Portanto, pelo caminho que fala de um amor que não é atual, mas que se reatualiza na transferência.

Introduzirei esse assunto com uma frase bastante curiosa e interessante que Freud diz muito posteriormente em sua obra e que está no texto “A questão de uma visão de mundo psicanalítica”, no qual trata de religião, de psicanálise e de como se deve praticá-la. Trata também de questões sobre se a psicanálise pode se tornar uma ideologia, ou se ela é só uma técnica de tratamento. Num determinado momento, discutindo a relação entre psicanálise e religião, ele fala da importância do pai na religião, do pai celeste, de Deus, da importância da ilusão da existência de um ser superior na vida psicológica das pessoas, um ser que provê, um ser que garante, assegura e providencia. E ele se pergunta se a psicanálise é compatível com a conservação dessa ilusão ou não, se essa é uma ilusão que se supera, ou se é uma crença insuperável.

Nesse texto, ele explica que a realidade psíquica, ou seja, a realidade emocional, aquilo que é real para uma pessoa no sentido de que ela precisa acreditar para ser feliz, para viver, parece implicar necessariamente a crença num ser superior, como o pai, como Deus. Parece que isso é uma necessidade de estrutura. E, mesmo quando as pessoas evoluem, no sentido de um saber científico e filosófico, o que se constata é que, não abolem necessariamente a crença num ser superior apenas pelo fato de desenvolverem a razão. Ele observa que a única coisa da qual as pessoas não se esforçam, de jeito nenhum, para abrir mão ou colocar em dúvida, é essa figura de um ser superior. Essa crença em Deus. Imediatamente conclui que isso deve estar ligado ao fato de que o pai é o primeiro a se amar neste mundo. Essa não é uma conclusão qualquer, porque o que todo mundo acha é que a primeira a ser amada nesse mundo é a mãe. Considerando que esse texto é de 1933, ou seja, do final do percurso freudiano, não dá nem para se dizer que se trataria de um engano de alguém que estivesse começando. Portanto, trata-se de uma conclusão séria: “o primeiro a ser amado nesse mundo é o pai”.

Voltemos ao começo, ao “O projeto”, de 1895, texto rústico que Freud abandonou, jogou fora e só foi publicado 55 anos depois. Esse texto tem três partes, sendo a segunda a que se dedica ao mecanismo de formação dos sintomas histéricos. Eu comecei dizendo que o pai é o primeiro a ser amado nesse mundo - frase é de 1933 -, mas em 1895 Freud introduziu o próton-pseudos, a fantasia ou o mecanismo de formação dos sintomas neuróticos. Na parte I do “Projeto”, a função da memória parece um tratado de psicologia experimental. Na parte II Freud traz um exemplo clínico onde explica porque tudo aquilo foi necessário. Ele tentou construir um aparelho neurológico que explicasse uma coisa absolutamente estranha: o mecanismo de formação dos sintomas neuróticos na relação com a temporalidade.

O que ele esclarece, essencialmente, diz respeito à temporalidade. Evento 1: o trauma, mas um trauma que não traumatiza na ocasião em que acontece, no primeiro encontro com o desejo sexual no Outro. É no Outro – um representante paterno, o pai ou um seu representante – que se introduz a causa sexual. O evento traumático, entretanto, não se faz acompanhar de nenhuma eficácia traumática, ou seja, ele não desencadeia angústia, não causa mal-estar. Aparentemente, esse acontecimento deixa uma marca na memória, mas o afeto desagradável ou angustiante que essa situação deveria ou poderia suscitar não fica associado a essa marca. Freud supõe que o evento 1 sempre se dá num tempo - esses termos são meio mitológicos. Foi um acontecimento cujo efeito de significação – “O que é isso? O que isso significa? Eu devo ficar, ou não, apavorada? Eu devo sair correndo?” –, cuja avaliação fica em suspenso. Esse tempo é o primeiro, cronologicamente. Mas ele não é o primeiro porque falta-lhe a significação. Ele aconteceu primeiro, mas ele não tem sentido.

É preciso o evento 2, ou seja, a repetição de uma situação com características semelhantes. Portanto, um novo encontro com o desejo no Outro. É preciso esse encontro, de número dois, com o desejo no Outro. Aí está o enigma, porque, agora, esse indivíduo já está maduro o suficiente para avaliar do que se trata.

Eu vou substituir o termo “evento” por “cena de sedução 1” e “cena de sedução 2”. É só a partir do segundo tempo que podemos chamar de cena de sedução, porque no primeiro tempo, em tese, o sujeito não sabe nada sobre isso. Se ele não sabe nada, então não é traumático. Há uma inscrição na memória, mas o juízo sobre a natureza desse evento não existe.

Temos o segundo enigma: se não existe um juízo sobre isso, como é possível que, num segundo tempo, o sujeito associe o primeiro evento com o segundo? Só poderemos denominar de repetição quando houver a associação de uma coisa com outra. Quando o sujeito disser: “Agora eu entendi!” o “entendi” relativo ao segundo evento estende-se ao primeiro. Junta-se I e II e se conclui algo.

Como é possível que se estabeleça uma relação entre esses dois eventos, se o primeiro, efetivamente, é uma espécie de espetáculo, sem significação? O enigma da situação histórica

depende, essencialmente, do seguinte: supostamente, embora a significação sexual não esteja presente, embora o sujeito não saiba do que se trata na cena de sedução I, embora esse nome ainda não tenha sido dado, ela não deixou de ter uma resposta sexual - no sentido de que uma excitação sexual foi despertada ali. Isso explica porque, num segundo momento, o sujeito atribua ao acontecimento, um sentido sexual. Temos um somatório de excitações entre uma demanda e um acontecimento. E então ele vai dar ao acontecimento II uma importância imensa, maior do que tem realmente tem - afinal é só uma cena de sedução, não é um estupro. Portanto, o evento I vai ganhar a significação de evento traumático de sedução sexual por retroação significativa e também por ejeção libidinal. Vai se dar uma cristalização de uma excitação associada a esse evento e uma importância traumática que, na verdade, é só o resultado do somatório disso.

Vejam, esse aparelho de memória que eu estou explicando é um aparelho esquisito, porque ao invés dele se desenvolver cronologicamente, sua temporalidade é retroativa. Isso explica porque o passado recebe uma importância traumática só depois. A lógica da temporalidade psíquica é a da retroação significativa. Esta retroação significativa é responsável pela invenção, pela criação de um núcleo traumático. Esse evento primeiro, que simplesmente despertou uma excitação, é contaminado com eventos posteriores e adquire, então, uma importância traumática, que prolifera no inconsciente, dando lugar, muitas vezes, ao que a gente vai conhecer depois enquanto relato de abuso sexual de crianças. Frequentemente, são fantasias inventadas a partir dessa lógica.

Voltando ao tema da aula passada, eu dizia que Freud encontrou no discurso das histéricas, pesquisando aquele tal estado de enamoramento, uma origem, uma causa sexual, situada num traumatismo de sedução sexual, produzido por retroação significativa, um evento mais antigo que o encontro com o médico. O efeito do tratamento analítico é o de possibilitar a constituição, a expressão de uma fantasia sexual de sedução. E aí, geralmente, o pai, como é o primeiro a ser amado nesse mundo, é também o primeiro a ser acusado.

Intervenção: Podemos dizer que as histéricas têm assim uma não ultrapassagem do complexo de Édipo, por ser quase sempre o pai a mostrar essa cena de sedução primária?

TCS: Na aula passada, eu tentei explicar que, quando Freud é confrontado com a realidade de uma acusação feita ao pai ou aos seus substitutos, ele tem duas possibilidades. Uma: face à repetição desse evento, na clínica que está inaugurando, ele deve concluir que na sociedade de Viena todos os pais são perversos. E aí haveria um índice de pais perversos e de filhas seduzidas, traumatizadas, neuróticas histéricas que seria uma coisa extraordinária!

Vamos ao objetivo: Como é que se cura a histérica? Arranja-se um marido para ela? Ou vamos na outra direção, a do pai. E chegando no pai, esse acontecimento é real? De fato, essas moças sofreram - o que hoje na literatura americana é uma convenção - abuso sexual na infância? Ninguém duvida que tem criança abusada para tudo quanto é lado. Vale hoje, na sociedade americana, a mesma pergunta que Freud se colocou no final do século passado: "Tudo isso é perversão? Não é possível!" Bom, algumas feministas escrevem livros dizendo que Freud era um conservador, um machista patriarcal e que varreu essa sujeira toda para debaixo do tapete, porque realmente os homens eram perversos, machistas, sedutores, etc. Para muitas mulheres hoje seria uma alegria, acreditar que um dia houve um mundo assim: tão sexualizado, tão erotizado, homens tão dispostos à sexualidade! Parece que elas resolveram que não vão abrir mão dessa idéia.

Intervenção: Sobre a transferência: como isso acontece quando uma mulher trata outra mulher? Existe a possibilidade disso?

TCS: Você está perguntando se existe a possibilidade disso apontar sempre para o mesmo agressor, apesar do psicanalista ser do sexo feminino? A transferência é um laço, que inclui esse enamoramento, que estabelece uma relação de cumplicidade, tendo o enamoramento no

horizonte. Como, por exemplo, quando duas amigas se apaixonam pelo mesmo rapaz. Não há um laço mais forte do que o das duas. Nem o rapaz entra. Há outras formas da transferência se estabelecer, tendo por lastro esta mesma verdade.

Intervenção: Eu tenho uma curiosidade: não existe homem histérico, não?

TCS: Você vai ver, pelo próprio desenrolar das aulas, que para se chegar a esse mistério tem-se que fazer uma deformação nessa estrutura. Eu não autorizo uma passagem simples da histeria nas mulheres para a histeria nos homens. Quando Freud desenvolveu a clínica de homens, o tema constante era a neurose obsessiva. E não se encontra casos de neurose obsessiva em mulheres na obra freudiana. O que mostra que há uma afinidade da histeria com o feminino e da neurose obsessiva com o masculino. Isso não inviabiliza pensar mulheres obsessivas e homens histéricos, mas, atenção, nós vamos ter que progredir com o conceito.

Quando eu digo que o pai é o primeiro a se amar nesse mundo, essa afirmação é genérica, ela não contempla a diferença sexual. Mas se quisermos traduzir isso para a estrutura do homem ou para a estrutura de uma mulher, a tradução não vai ficar da mesma maneira. Eu acho que ele não encontrou homens reclamando da sedução sexual do pai. O que ele encontrou foram homens fortemente identificados no inconsciente, na figura do pai, ou seja, obsessivos.

O traumatismo de sedução sexual pode ser exercício de pesquisa, de entendimento mais profundo. Para uma moça, o encontro com a sexualidade se passa por uma fantasia que envolve o pai, não é nada de esdrúxulo. Não se precisa fazer uma grande ginástica para perceber isso. Agora, como a figura paterna afeta a constituição da sexualidade masculina? Para isso, nós vamos ter que trabalhar mais um pouco, na neurose obsessiva, a relação com sedução paterna. Então vamos, nesse momento, pelo mais próximo da sensibilidade, pelo que a gente compreende mais facilmente, que é a histeria.

Voltando para o ponto onde Freud faz uma grande virada na reflexão: se há enamoramento, há uma causa sexual. Essa causa sexual se revela, no tratamento, como uma acusação feita ao pai de sedução sexual, uma vez que nós interpretamos esse enamoramento como transferência. Então nós podemos entender que a oferta de tratamento funcionou como acontecimento II, que trouxe à tona essa fantasia.

Bom, se eu digo isto, então eu estou dizendo que o atual produziu o antes e que esse antes era uma fantasia, era uma memória que foi carregada de significação e de investimento libidinal. Com a transferência, há o surgimento de uma fantasia de ter sido molestado na infância pelo pai. Essa é a lógica da própria cura: funcionar como evento II que desencadeie um evento I.

Por isso eu falei da temporalidade. É preciso que se compreenda que a temporalidade do aparato psíquico, do aparato mental não é cronológica, mas lógica. O que se estabeleceu aí como um efeito de retroação significativa do acontecimento II sobre o acontecimento I, produziu-se numa temporalidade que é lógica, e que nós podemos entender. Mas ela não é cronológica. Então é avessa ao modo como nós vivemos, como experimentamos e tratamos a temporalidade. Essa passagem, que eu estou indicando, da temporalidade psicológica – essa que a gente vive todo dia, do tempo como uma sucessão de acontecimentos, para a outra temporalidade.

Portanto, há uma temporalidade psicológica e uma temporalidade lógica. Da temporalidade lógica, nós vamos à temporalidade inconsciente. O que distingue a memória inconsciente da memória consciente, não é simplesmente que o consciente sabe e o inconsciente não sabe, porque senão não precisava uma série de conceitos. Um seria consciente e o outro seria inconsciente. Se o critério for “ter consciência de”, qual é a necessidade de forjar um conceito como inconsciente para designar coisas que podem simplesmente ser não-conscientes, sub-conscientes, coisas que não são, mas poderiam sê-lo, coisas que não são ainda, podem ser daqui a pouco, coisas que já foram antes, não são mais? Estaríamos trabalhando apenas com uma diferença entre atenção e memória.

Mas não se trata disso. Eu estou dizendo que há uma temporalidade psicológica, que é essa que se experimenta nos processos conscientes, de um progresso do tempo adiante, e há uma outra temporalidade, que foi esta da retroação significativa. É esta temporalidade que funda o inconsciente como estrutura distinta dos processos conscientes. O que se vê aqui é uma outra maneira de pensar, uma outra maneira de experimentar o tempo, que é absolutamente distinta da maneira como nós pensamos e experimentamos o tempo. Há outras distinções entre os processos conscientes e inconscientes mas, de saída, nós acabamos de introduzir uma distinção essencial.

No lugar de acontecimento I e depois do acontecimento II, nós temos: não há o acontecimento I. Há o acontecimento II, e, então, o acontecimento I emerge, surge dotado de uma realidade, de uma verdade, de uma existência que, no primeiro tempo, Freud achou que era como a das cadeiras, a das mesas, de nós, dos outros. Até que ele se dá conta que há uma existência, uma realidade, uma verdade, que é uma realidade psíquica. Ela não é material, ou seja, o modo de existência da fantasia é como realidade psíquica - que é a realidade do inconsciente. O inconsciente tem uma realidade, e o processo consciente também. A realidade dos processos conscientes não é a mesma dos processos inconscientes.

Por isso Freud disse, em 1903, que é muito difícil tratar uma ilusão, por exemplo, como o pai. Há ilusões que parecem que não se corrigem pela realidade objetiva, ou pela realidade material, porque são dotadas de um valor de verdade, de uma realidade que prova que a realidade psíquica não é menos realidade do que a realidade material. Embora, muitas vezes, uma possa entrar em contradição com a outra, as provas da realidade objetiva não concordam com as verdades subjetivas, mas nem por isso as pessoas estão dispostas a abandonar as suas crenças, as suas ilusões, as suas convicções e as suas fantasias.

Isso é o bastante para nos colocar em alerta sobre o que se pode esperar de um tratamento pela palavra. Se eu reconheço que a força de convicção da verdade material é relativa, porque a força da realidade psíquica é muito grande, que o sujeito não está disposto a abandonar essas convicções, podemos imaginar que convencer alguém de que isso de que fala é verdadeiro, no domínio da fantasia, mas não corresponde à realidade objetiva, é um esforço e tanto para um analista com conseqüências, efeitos e realizações bastante pouco promissoras.

Intervenção: Como fica esse fenômeno da transferência, no caso Dora?

TCS: O caso Dora foi um caso que trouxe à tona efetivamente uma teorização sobre a transferência. Eu não o escolhi por acaso. Eu podia ter escolhido, por exemplo, um caso lá do começo, com um Freud engatinhando. Eu escolhi um momento de maturidade, tanto na abordagem da histeria, quanto na revelação da natureza da transferência e do funcionamento da transferência, num caso bastante difícil. Então é preciso ler a parte final, justamente quando ele diz que falhou porque as hipóteses dele sobre a transferência estavam erradas. Naquele momento, ele confessa que é fundamental saber onde está situada a transferência. Não é simplesmente ter em conta a transferência e manejá-la, é preciso saber do que se trata na transferência.

Intervenção: Não entendi, saber do que se trata na transferência?

TCS: Saber qual a fantasia que está em jogo, qual o lugar que o analista está ocupando na transferência. Onde está o objeto de amor, onde está o objeto de identificação. Quer dizer, há muito mais coisas em jogo no tratamento analítico do que simplesmente a transferência, o enamoramento. Isso é pouco.

Intervenção: Mas ele não pode falar para ela o que ele conclui, não é? Porque é a mesma coisa que falar para a histerica: “Você é histerica. Tchau. E a partir daí nunca mais quero falar com você”.

TCS: Você tem razão. Não se trata de falar ou do que falar, mas do que se deve ter em conta para não errar. Claro que há o que não se deve dizer ou os erros que não se deveria cometer quando se interpreta. Digamos que ele cometeu, nesse caso, um erro essencial de acreditar que só podia haver um objeto amoroso na face da terra na vida de uma jovem de dezoito anos, e esse objeto era um homem. Não lhe passou pela cabeça que podia ser uma mulher.

Então, por exemplo, a estrutura da relação de cumplicidade entre uma jovem e uma mulher mais velha, que ela supõe que sabe tudo sobre o amor e o sexo, pode ser uma modalidade da transferência, pode ser uma das formas de estar em jogo a relação com o pai que, afinal de contas, era nada menos do que o amante dessa mulher. É uma transferência tão válida como qualquer outra. Você entende?

Intervenção: É afirmar essa idéia dela de que a mulher era a que sabia do sexo, que sabia do amor...

TCS: Freud não sabia que ela estava nisso. Ele ignorou até o final a relação dela com essa mulher. Ele só enxergou isso, que é o mais convencional. O que não se pode deixar de ter em mente é que o surgimento dessas tramas na relação transferencial pode se dar de muitas maneiras. Convém não cometer o erro de estreitar demais o ponto e achar que tudo que você vai encontrar é um quadradinho desse jeito. Pronto para consumir. Cada caso é um caso. Em cada caso você pode encontrar caminhos, enredos e intrigas bastante complexos, envolvendo investimentos libidinais na neurose etc, que você não pode desprezar, sob pena do paciente sair pela porta.

Agora que se entendeu uma parte desse papel central do pai perante o filho, eu quero voltar a essa frase: “o pai é o primeiro a ser amado nesse mundo”. Da vez passada, eu lancei uma outra frase, era uma frase do Lacan, em que ele dizia que um pai não tem direito nem ao amor, nem ao respeito senão por ter sido alguém capaz de colocar uma mulher no lugar de objeto amoroso. Ou seja, um pai vale pelas provas que ele dá de submissão ao objeto do seu desejo. É preciso muita coragem. Lacan dizia que é preciso muita coragem para se arriscar na via do desejo. É preciso coragem para amar. É preciso coragem para viver sua vida sexual. Um pai, lacanianamente falando, não é esse ser celeste, extraterreno, senhor de todos os poderes e de todas as virtudes. Lacan explica a frase freudiana “o pai é o primeiro a ser amado nesse mundo”, corrigindo a ilusão que se pode ter de que o pai é Deus porque é senhor de todas as perfeições do universo. Ele diz: “Não! Ele é amado pela sua imperfeição.” É pela sua imperfeição que o pai é amado, porque é ele quem introduz, é ele quem ensina a via do desejo. É ele que entra com a pergunta: “O que você quer?”

Quando o homem tem a coragem de querer alguma coisa - e querer essa coisa mais do que tudo -, quando ele tem a coragem de ir mais longe na via do seu desejo, na particularidade do que ele quer, é aí que ele é um pai. É aí que ele introduz a pergunta: “E você, o que você quer?” E isso só é possível se ele quer. Porque se ele faz o papel de fantoche social, se encarna todas as convenções, as perfeições, as virtudes, ele, justamente, não se arrisca na vida. Ele se furta ao seu desejo por uma mulher e se coloca a serviço de ser o representante dos valores sociais, do que é esperado de um homem virtuoso, ou de um forte, ou de um homem poderoso, das formas sociais. Um pai é um pai na medida em que ele encarna a coragem de desejar, e, então, ele pode ser para o seu filho aquele que introduz a sexualidade como tal, a causa, a única causa pela qual vale a pena viver.

Interessante a formulação do Lacan porque ela subverte um pouco essa idéia do pai poderoso. O pai é aquele que mostra qual é o caminho do desejo. E, dessa forma, se pode ligar a presentificação do desejo, da sexualidade como causa ao real traumático. A realidade psíquica é encharcada de fantasias, de crença, de ilusão, porque o peso real dessa causa marca a criança como ferro em brasa. Isso produz uma marca, mesmo que disso o sujeito, inicialmente, não tenha nenhuma significação. Mesmo que ele não tenha idéia do que é que inclui o pai como o

primeiro a introduzir nesse mundo, na vida psíquica, um corpo estranho, uma causa, uma coisa difícil de assimilar.

Vocês podem me perguntar: “Mas por que é tão difícil de entender um negócio desses?” O que é interessante é que a psicanálise, não é filosofia e não precisa dar explicações finais sobre as coisas. A explicação que eu tenho que dar aparece na clínica psicanalítica. Eu não sei porque é tão difícil de entender, mas eu sei que, ao longo da minha prática, uma coisa que nenhum indivíduo sadio, na face da terra, consegue entender é a relação do seu pai com a sua mãe. É invariável você escutar na clínica: “Ela é muito autoritária. Ela manda nele. Ele é um capacho. Meu pai rasteja. Eu estou doente porque eu não tenho um pai forte. Meu pai é um carente, um dependente. Meu pai, pela minha mãe, anda de quatro.” Não vi uma criatura no meu consultório que consiga entender que é só por isso que ele é digno de ser amado e chamado de pai. Porque se ele fosse autoritário, poderoso, indiferente ao poder da mulher, ele podia ser Deus, mas pai, ele não seria.

Se há uma coisa que parece que os homens sabem melhor do que as mulheres é o que eles querem. Nesse aspecto eles dificilmente se enganam. São as mulheres que vão para análise perguntar o que vão fazer na vida. Eles parecem que sabem muito bem onde está a causa do desejo deles. Há uma peculiaridade aí, na relação da criança com a mãe, do menino com a mãe e da menina com a mãe, que faz com que o desejo do homem pareça mais orientado de acordo com a biologia. Ele vai mais certo na direção do objeto de instinto. Eles têm mais instinto do que as mulheres. Elas têm mais neurose. Um tem mais instinto e o outro é mais inconsciente, mais fantasia, mais desejo, mais pergunta, mais questão. Mas não quer dizer que esteja ausente.

Intervenção: Pode voltar nesse corpo estranho?

TCS: O corpo estranho, que eu estou dizendo, é uma questão que parece que ninguém consegue resolver. É que um pai seja pai justamente em consequência da sua fraqueza por uma mulher e não por causa de suas virtudes viris. O estranho é que o mais viril seja, justamente, esse aspecto aparentemente mais frágil. Trata-se de uma questão lógica impossível de resolver, que fica como um campo minado, como um núcleo traumático, um núcleo problemático, um núcleo não resolvido.

Veja, que essa formulação de Lacan é extremamente recente, foi proferida depois dos anos 1970, portanto, depois da liberação da sexualidade, do movimento feminista. Nesse sentido, ela é para lá de antiga. No entanto, ela traz essa questão do pai de volta de uma maneira mais precisa, o que mostra que a clínica psicanalítica avança. O que em Freud - “o pai é o primeiro a ser amado nesse mundo” - ainda aparece meio contaminado - ali o pai é Deus, é de um regime celeste, desencarnado, espírito santo e ora como perverso, ora como pai celestial – é bem mais especificado em Lacan. Como se deve analiticamente entender o pai? A partir do quê? O que permite definir isso? Onde é que as pessoas fracassam? O que elas não conseguem entender de jeito nenhum? Qual é o ponto, na clínica, onde se verifica que resta como um corpo estranho, como uma idéia inconciliável? Como conciliar a fraqueza masculina com a virtude paterna? Não funciona para ninguém! Isso é esquisito!

[Intervenção inaudível].

TCS: Você está brincando! Olha para o corpo das pessoas e vê se é igual. Eu já respondi. A anatomia não é uma questão social. Homens e mulheres são anatomicamente diferentes. O que você vai entender dessa diferença, como você vai tratá-la ou como as sociedades tratam essa diferença, nada disso elimina a diferença. A diferença está lá. É uma marca no corpo. Pura diferença.

O que vai se ver ou deixar de ver, não elimina que haja uma diferença que salta aos olhos quando as crianças não são psicóticas. Só as crianças psicóticas não levam em conta a diferença. Esse é um primeiro ponto que não se pode perder de vista. O segundo ponto, tem

relação com o que Lacan, em 1938, num texto chamado “Complexos Familiares”, avança nessa teorização. Se há falha do pai ao introduzir a causa sexual temos um campo fértil para o aparecimento da psicose. O pai tem uma importância, uma importância real. E pela mesma razão a diferença anatômica tem uma importância real. E todos os discursos sociais que a gente fizer, contrapor, discutir, não vão eliminar a diferença sexual.

[Intervenção inaudível].

TCS: Está bom! Mas tem dois problemas envolvidos aí: uma sociedade e uma cultura não se constroem em um dia. Nós somos seres de linguagem. Não tem a menor possibilidade de existirmos, sermos ou pensarmos qualquer coisa que não seja determinado pela história, pela linguagem. Então, é evidente que a diferença sexual não surgiu no mundo hoje. Não é um efeito das novas clonagens. Ela está no mundo desde que o homem é homem! Há uma nova história discursiva sobre essa diferença, e transformações no discurso sobre a diferença. Mas, o que é ineliminável é a diferença. Os discursos mudam, mas a diferença é ineliminável.

Entre essas diferenças, é preciso valorizar o seguinte: mesmo que existam grandes mudanças históricas, ainda são as mulheres que geram as crianças. De modo que toda criança, homem ou mulher, tem um laço eletivo, preferencial com a mãe, ou com a mulher que cuida e que a alimenta nos primeiros anos da sua vida. Que o menino possa escolher o seu objeto sexual à imagem do objeto primeiro e a menina não, isso prova que a diferença sexual tem conseqüências no futuro da sexualidade de homem e de mulher. A menina vai ter que trocar de objeto, o menino não precisará.

Voltando à sua pergunta, “por que é difícil falar dos homens histéricos?” Ele tem que trocar a mãe por alguém um pouco mais jovem, de preferência. No caso da menina, a grande interrogação é por qual mecanismo ela consegue substituir o objeto primeiro por um outro objeto. O exemplo dele, mais uma vez, revela essa diferença. Na adolescência, principalmente, nas meninas, o que se costuma ver? Um parzinho de adolescentes que gostam de falar do homem, mas namorar mesmo, não. Elas ficam fofocando, falam deles, e, às vezes, as duas se apaixonam pelo mesmo rapaz. É um fenômeno que prova que elas estão mais interessadas na conversa delas. Os homens são um pretexto, um assunto, não mais do que um bom assunto.

Freud fracassou na questão da Dora justamente porque ele não levou isso em conta: que menina e menino são diferentes. O caminho libidinal da menina é diferente do menino, porque a menina tem que trocar de objeto. Até o caso Dora, ele não sabe disso. Ele raciocina como se a estruturação da sexualidade fosse simétrica. A menininha gosta do papai, e acha que a mamãe será um modelo para ela seguir, ou, então, será o objeto de rivalidade. E o menino, a mesma coisa, vai para a mamãe e tem o papai como seu rival, ou como aquilo que ele queria ser quando crescer. Dá, mais ou menos, no mesmo. Com o caso Dora, quando ele vê a complexidade de uma mulher com outra mulher, ele começa a desconfiar que talvez as coisas não sejam assim tão simples. Porque, do lado feminino, parece que tem um problema maior, com relação à escolha de objeto.

Voltando a sua primeira questão: por que a histeria é mais afim com o feminino do que com o masculino? Tudo isso se esclarece, posteriormente, na obra de Freud quando se pensa que o caminho pelo qual a sexualidade feminina alcança o seu amadurecimento, para fazer uma escolha de objeto, é mais tortuoso do que o da sexualidade masculina. Portanto, requer mais atividade psíquica, mais trabalho da fantasia. São as mulheres que se inquietam mais com os corpos estranhos, com as questões difíceis de responder, porque o caminho até o objeto é mais complicado.

Então, a neurose é uma patologia, se olharmos pelo ângulo de que a atividade inconsciente parece se impor com seus sintomas sobre a atividade consciente. Aparentemente, a neurose é uma doença, uma patologia, mas essa doença, essa patologia é o próprio remédio, é o trabalho

de elaboração da sexualidade. E no caso prioritariamente das mulheres, porque aí a diferença sexual conta independentemente dos discursos sociais, há um trabalho maior para se chegar a fazer uma escolha de objeto conforme a natureza. Então, como esse trajeto é mais complicado, a elaboração inconsciente é mais requerida.

Intervenção: Você falou que é mais complicado no sentido da mudança de objeto da mãe para o pai?

TCS: Da mudança da mãe para o pai. É só isso.

Intervenção: Do objeto de amor?

TCS: Isso. A escolha do objeto amoroso é mais complicada. A vida sexual dos homens é mais fácil, independentemente da sociedade, dos valores - porque isso muda de época para época: papel social, as transformações. O caminho é mais direto para os homens.

Intervenção: Para o homem é mais fácil pela identificação?

TCS: Por causa do objeto, porque ele não tem que trocar de objeto.

Intervenção: Então, é pela identificação ao objeto, ou seja, pai é igual ao filho?

TCS: Pela identificação ao objeto, não. O objeto é a mãe. O primeiro objeto é a mãe.

[Intervenção inaudível].

TCS: Para chegar a uma escolha de objeto, a menina tem que passar da mãe como objeto para o pai. Essa passagem da mãe ao pai é o que requer esse trabalho psíquico. Embora o pai seja o primeiro a ser amado nesse mundo, embora a questão da causa sexual seja problemática para homens e mulheres, ela tem efeitos completamente diferentes num caso e no outro.

Para o menino, ele toma a via da identificação com o pai, escolhe o objeto e faz a mesma coisa na próxima geração. Não muda quase nada de uma geração para outra. Entendem o que eu quero dizer? Muda muito pouco! Mudam os costumes - quem vai lavar panela; quem vai trocar fralda de criança. O homem tem certeza do seu objeto, a mulher não tem jamais. A mulher pergunta todo dia o que ela quer.

Não foi à toa que a clínica analítica começou com a histeria. Não foi à toa que começou com a insatisfação feminina, com essa sexualidade fora do lugar. Quer dizer, ao invés de estar localizada no objeto sexual, está localizada no sintoma, na fantasia: “meu pai me seduziu”. É uma fantasia atrás da outra, no mau e no bom sentido. No sentido de que isso aí também aponta a fraqueza na realidade psíquica, na produção de fantasia, que é o segredo da história da sexualidade feminina. A mulher tem que fazer um percurso muito mais complicado. É mais fácil a mulher saber de quem ela é a mulher, qual é o homem que ela quer. É mais fácil ela saber qual o homem que a quer. Estruturalmente, a posição de certeza masculina em relação à escolha de objeto, está ligada ao fato de que o caminho dele é mais direto. Ele pergunta menos, interroga menos.

Intervenção: Como a mãe entra como primeiro objeto, se o pai é o primeiro a ser amado nesse mundo?

TCS: Você tem toda razão, mas são as temporalidades freudianas. Freud diz isso. E isso não faz nenhum sentido porque todo mundo sabe e todo mundo acha que as crianças gostam da mamãe e não do papai. Meu filho menor, o quarto, me diz: “Se há uma coisa que a gente precisa entender é que se acostumar com o pai é uma coisa muito difícil!” Ou seja, acostumar-se com o pai é uma concessão que demora: esse negócio de pai, tudo bem, a gente acaba cedendo, agente acaba aceitando, mas é muito difícil. Ele é um intruso, entra na relação, tira o sujeito da cama, manda-o dormir no outro quarto. Ele atrapalha. Então, pelo senso comum, não se chega a entender a importância que possa ter o pai na vida de uma criança, quando o que é natural é o amor pela mãe.

Mas, se tomamos a psicologia de Lacan, ou que é o pai que ensina o caminho do desejo pelo exemplo que ele dá de amor a um objeto por meio da escolha sexual, vê-se que ele ensina a amar um objeto não pelas virtudes que esse objeto tem de alimentar ou de cuidar. Ele rompe a suposta relação natural, incluindo o desejo no sentido da sexualidade. Esse “amar” freudiano é carregado de ambigüidade, é o amar no sentido da sexualidade e do desejo.

Intervenção: Até porque o desejo é o desejo do Outro.

TCS: Sim, o pai é quem introduz um desarranjo na relação da criança com a mãe. É ele que ensina que, com relação ao amor, há mais do que a natureza, nesse mundo. Há mais do que alimentar, ser alimentado, ser cuidado, ser limpo. O pai eleva o amor à outra potência. Ele é o primeiro a ser amado no sentido lógico e não cronológico. De novo, a temporalidade é uma temporalidade lógica porque a criança só se dá conta da existência do pai como causa depois que ela já estabeleceu uma relação com a mãe bastante sólida. Então, esse “primeiro” que Freud fala não é cronológico, e sim que ele é o primeiro a instalar uma relação de amor verdadeiramente adulta, que não seja a relação de mãe e filho.

Voltando à questão do masculino, há um recobrimento entre o primeiro objeto de amor e aquilo que o pai ensina a amar. É o mesmo objeto, porque o menino é, primariamente, ligado à mãe, e a introdução do desejo sexual, pela via do pai, aponta para o mesmo objeto: a mulher. No máximo se poderia concordar que o primeiro objeto seria a mãe e o segundo seria a mulher, e que a mãe não se confunde exatamente com a mulher. Há aí uma aproximação e não uma colagem entre as duas coisas. Então, eu diria que a função do pai para o menino é separar a mãe e a mulher, sem produzir para ele uma disjunção, uma discordância no plano do objeto.

Mas, para a menina que, primariamente, também é amada pela mãe, as coisas não ficam mais fáceis com a entrada do pai porque, pela via da identificação com o pai, ela só vai encontrar um reforço do primeiro objeto. Então, a menina tem que fazer muita ginástica! Ela tem que sair da posição de quem deseja para aceitar ser objeto do desejo do Outro. É uma mudança muito mais radical! Não se trata, para a menina de saber qual é o objeto que ela deseja, mas de se fazer desejar, de sair da posição de desejante para a de desejada.

Intervenção: Mas Freud aí não é meio machista? A mulher fica numa posição muito passiva. Digo isso porque a mulher também tem desejo, não tem?

TCS: Sim, mas ela pode inventar uns caminhos muito mais complicados. Ela “arma” muito mais. Quer dizer, no fim das contas, a satisfação do desejo dela fica muito mais ligada a fazer o outro desejá-la do que desejar, propriamente. Não é que ela não deseje, mas o caminho que ela faz é diferente.

Intervenção: Naquela época e, mesmo hoje em dia, se a mulher for vista desejando demais, muito ativa, ela é mal vista socialmente.

TCS: Hoje em dia, não seria mal vista. E, naquela época, uma mulher não faria isso. Devem ter outras razões que não as razões culturais.

Intervenção: Não se consegue nem pensar um outro jeito.

TCS: Não se pensa, mas se faz. Teoria demais, sociologia demais... As evidências cotidianas são muito mais simples. Por onde que a mulher atinge a satisfação do seu desejo? É por uma via muito mais complicada: levando o outro a desejá-la. Não é por estar na moda, não! Isso deve ser valorizado como uma atividade intensa e de importante interesse cultural, científico, social etc. Não é uma atividade qualquer, é trabalhoso, é mais complicado, requer uma certa malícia, uma certa sabedoria.

Intervenção: No auge do absurdo: a mulher, hoje, é a vítima de toda a história e ainda tem essa carta na manga de receber o “Sim, meu bem.”

TCS: O seu exemplo é interessante porque, geralmente, quando ela diz “sim, meu bem” é que ela finalmente conseguiu que ele diga o que ela queria. É isso! Mas dá trabalho fazer o outro dizer o que se quer. Para chegar a dizer “sim”, tem-se que trabalhar muito.

Enfim, eu acho que o feminismo e o machismo fracassam, barulhenta e flagrantemente, dentro da complexidade das relações amorosas. A guerra dos sexos não é exatamente um campo onde haja vencedores e vencidos. O que está em jogo é a satisfação. E a satisfação sexual não pode ser medida em parâmetros de rivalidade de poder: quem tem mais ou menos poder, ou pela ilusão de que sendo iguais se resolve o problema. Nada disso dá conta do estatuto da satisfação sexual. A igualdade não garante o que realmente está em jogo, o que realmente as pessoas estão buscando. A satisfação sexual, a satisfação amorosa é uma outra coisa, não é uma coisa que se possa medir em termos de produtividade conjugal.